

“País precisa evitar novo choque”

São Paulo—Se o governo conseguir evitar a tentação de um novo choque ou de interromper, novamente, o processo de liberalização da economia, a crise passará. Esta é a opinião do vice-presidente da Autolatina, Miguel Jorge e que é compartilhada também pelo vice-presidente da GM do Brasil, André Beer, e ainda pelo presidente da ANFAVEA (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores) Jacy Mendonça. De um modo geral, os principais líderes das montadoras entendem que a economia do País não está submersa num processo catastrófico e que a atual situação, embora de dificuldades, é de saída da crise.

Segundo Miguel Jorge, uma economia de mercado, para funcionar convenientemente, é que nem um Estado democrático precisa de exercício. Assim como não podemos dizer que “o povo não sabe vo-

tar”, para justificar uma ditadura, nós também não podemos dizer que “os empresários não sabem conviver com a liberdade de preços” ou coisa que o valha, pois ambos os processos — escolha dos representantes, pelo voto, e a prática dos seus próprios preços, implicam num aprendizado natural, num exercício.

O caminho, para Miguel Jorge, é o da liberdade de preços, da abertura do mercado às importações, da redução da carga tributária. “Eu nunca soube de um País que tenha conseguido controlar a inflação através de um controle de preço, desde o Código do Hamurabi. Nem mesmo em situações de guerra o controle de preços funciona, terminando sempre por gerar ágios e outros artificialismos ou senão a simples escassez. Entendo que com as reformas estruturais importantes

que vêm sendo introduzidas na economia do País, a partir de 1992 nós teremos uma economia mais saudável, fluindo em novas bases”.

Para André Beer, se o país quiser, de fato, marchar para uma recuperação terá de, em primeiro lugar, procurar banir esse pensamento de que estamos ingressando no Apocalipse. “Eu acho que a situação é de dificuldade, mas acho também que os empresários competentes estão administrando isso da melhor forma possível. Os preços estão livres, a economia está funcionando e não vejo nenhum sintoma de caos à vista. Para mim — destacou — o caso Brastemp é mesmo um ou outro que venha a ocorrer — mede apenas um mau desempenho de uma ou outra empresa, encontrando-se longe de caracterizar-se numa tendência geral da economia”. (H.R.)